

O SER-COM-OS-OUTROS E O CONCEITO DE ALTERIDADE: UMA REFLEXÃO DE COMPLEMENTARIDADE

BEING-WITH-OTHERS AND THE ALTERITY CONCEPT: REFLECTING ON COMPLEMENTARITY

Rogério Cristiano Franzini

Bacharel em Teologia, especialista em Sagrada Escritura, especializando em Problemas Fenomenológicos e Hermenêutica e licenciando em Filosofia no Centro Universitário Internacional – Uninter.

Lucília M.G.A. Bonfim

Professora Orientadora no Centro Universitário Uninter

RESUMO

Este trabalho procura refletir na ótica da complementaridade as relações humanas, a partir dos conceitos de ser-com-os-outros do europeu Martin Heidegger e, do conceito de alteridade, peculiar da filosofia latino-americana de Enrique Dussel. A preocupação central está pautada no viés ético contemporâneo, onde as distopias e consequente fragmentação das relações humanas compõem o cenário. Direitos humanos, dignidade da pessoa humana e o bem comum, são assuntos caros e que merecem atenção, imbricados necessariamente na reflexão filosófica, para despontar uma possibilidade de rota que não seja de colisão, em tempos de globalização e de fragmentação das relações humanas.

Palavras-chave: Ética. Moral. Filosofia. Humanidades.

ABSTRACT

The following paper tries to reflect on human relationship under the complementarity perspective focusing on Martin Heidegger being-with-others concepts along with the alterity concept, which is present within the Latin American Enrique Dussel's philosophy. The main concern is based on a contemporary ethical bias where the scenario is built out of dystopias and consequently of human relations fragmentation. Human rights, human dignity and the common good are paramount topics and deserve consideration as they are closely connected to the philosophical thinking. They offer an alternative point of view other than the confrontation in a world of globalization and human relation fragmentation.

Keywords: Ethics. Moral. Philosophy. Humanities.

INTRODUÇÃO

O conceito do europeu Martin Heidegger de que somos ser-com-os-outros, e o de alteridade, utilizado por Emanuel Lévinas, apropriado pelo filósofo latino americano Henrique Dussel, se aplicados nas relações humanas, abrem reflexão para uma possível complementaridade de maneira que não se tenha por certa e definitiva nenhuma proposição filosófica, e muito menos que se excluam mutuamente. Apresentar-se-á neste trabalho a perspectiva ética partindo dos conceitos destes dois pensadores, e na medida do possível evidenciar pontos de complementação, pois é evidente que cada proposição,

ou melhor, perspectiva ou especulação filosófica, religiosa, política etc., está sempre imbricada intrinsecamente ao seu período histórico, bem como, ao ambiente cultural que proporcionou tais reflexões.

Como combater a intransigência de maneira geral, tão evidente em nosso tempo? Quais posturas adotar antes que a humanidade chegue à calamidade irreversível que aparenta se aproximar? Nas questões metafísicas, religiosas, políticas e afins, a questão do bem comum está em alta, porém, grupos específicos ainda relutam no cenário contemporâneo, insistindo em posições reducionistas, xenófobas, integristas e intransigentes, que prejudicam as relações humanas de maneira geral. Precisamos urgentemente de ferramentas teóricas e práticas para mudar a rota aparente de colisão, que está intrinsecamente relacionada com as mais variadas vertentes de grupos humanos. A tendência quando se adota um sistema filosófico, ou uma linha política, e até mesmo uma religião, muitas vezes e infelizmente, é adotar uma postura de aversão ao diferente, e de blindagem em relação aos seus conceitos, chegando até mesmo ao bloqueio da consciência, e em casos mais graves, e não raros, ocorre também agressão não só no campo teórico, evidente nas mídias sociais, onde juízos temerários viraram rotina, mas também no campo físico. Como reverter isso? Quais os rudimentos necessários?

O Estado Islâmico, a saída da Inglaterra da União Europeia, os conflitos no oriente médio, os regimes totalitários em vários contextos e continentes, e os novos movimentos religiosos, etc., são apenas alguns dos aspectos a serem revistos, com um olhar crítico e emancipado de fato, para alcançar uma civilização mais justa e harmoniosa, aplicando assim as máximas de colocar-se no lugar do outro e de ser em comum. Buscar-se-á uma resposta a partir de uma postura de complementação dos conceitos de Heidegger e Dussel, e o que mais for conveniente no que cabe às humanidades refletirem.

Nestes tempos de destaque sobre temáticas como a xenofobia, o fechamento de fronteiras, a indiferença diante de problemáticas complexas que favorecem a imigração forçada, por exemplo, se torna pertinente esta reflexão, embora o trabalho presente procure delimitar o tema por princípios de adequação ao molde proposto, que não permite excessiva extensão, o que não quer dizer, que outros temas relacionados, não serão ao menos mencionados para um mínimo cabedal de base, para os que desejarem aprofundar a temática. Somos seres relacionais por natureza, e o cenário mundial contemporâneo, mais uma vez, pois não foram poucas vezes na história, nos conduz para uma relativista

situação, onde a globalização se impõe como modelo único e padrão de sociedade, sem levar em consideração características peculiares de diversas culturas que acomete sem licença prévia. Os pensadores Martin Heidegger e Enrique Dussel foram escolhidos para esta tratativa por serem respectivamente um europeu e um latino-americano, o que assegura a peculiaridade cultural e ao mesmo tempo nos mostra que a preocupação com a dignidade das relações humanas está presente em culturas “divergentes”, e que esta dignidade não deveria ser afetada em hipótese alguma, embora seja verificável, bastando abrir os jornais, que cresce atualmente em proporções incomensuráveis. E mesmo que cada um pense à sua maneira e cultura, o presente estudo apresentará, em pesquisa de revisão bibliográfica, que a identidade pode ser mantida, junto com uma postura de complementação, assegurando sempre o que deve estar em primeiro plano em todas as relações, sejam elas políticas, sociais, econômicas, religiosas, etc.: - a dignidade da pessoa humana.

PENSADORES DE CORRENTES DIVERSAS DISCORREM SOBRE O SER E SUAS RELAÇÕES ÉTICAS, ASSIM COMO CULTURAS E RELIGIÕES

A sociedade contemporânea possui traços marcantes de toda construção filosófica, política e social dos últimos séculos, especialmente o período que chamamos de moderno, e no que tange às más interpretações dos vastos conteúdos produzidos. No caso do pensamento de Nietzsche, que possibilitou o desenvolvimento do nazismo, é evidente a necessária análise de conjunto nas relações humanas para que esse tipo de tragédia não se repita, para citar apenas um exemplo. Ante o pensamento moderno e suas vastas ideologias, muitas religiões se blindaram para manter fiéis suas “ortodoxias”, e os cenários novos abriram precedentes para diversificados fenômenos religiosos que estão em efervescência neste momento. O perigo do fundamentalismo se infiltra e vai criando raízes nos mais variados campos e seguimentos da sociedade contemporânea, e vem ameaçando sistematicamente a liberdade de expressão, bem como direitos comuns a todos, e porque não relacionar tais aspectos à moral, tão ferida em nosso tempo, porque muitos se esqueceram de sua teoria e ética, e também, que o mínimo de leis e normas gerais procede desta mesma moral. Lagneau, em trecho do Fragmento 87, sintetiza uma perspectiva interessante sobre o que discorreremos até aqui, quando diz que “a existência não passa de

um dos três modos da realidade: existência, ser, valor” (GRATELOUP, 2015, p. 50), ou seja, pontos como a subjetividade, tão questionada em certos momentos históricos, precisariam de um repensar a partir dos conceitos de alteridade, bem como de ser-com-os-outros, para que se possa mudar o cenário da intransigência, gerado em perspectivas muitas vezes blindadas e permeadas de preconceito e intolerância.

Ser-no-mundo, dever-ser, ser-com-os-outros, e muitas outras proposições neste sentido, precisam ser revistas, de maneira que a dignidade da pessoa humana não seja ferida em nenhum âmbito, seja social, político, econômico e demais relações humanas, pois como coloca Bachelard na obra *A psicanálise do fogo*, “**para ser feliz, é necessário pensar na felicidade de um outro**” (GRATELOUP, 2015, p. 53, grifo nosso), ou ainda como diz Diderot em suas observações e instruções aos deputados para a confecção das leis “quero que a sociedade seja feliz; mas também quero ser feliz; e há tantas maneiras de ser feliz quanto há indivíduos. Nossa própria felicidade é a base de todos os nossos verdadeiros deveres” (GRATELOUP, 2015, p. 54), o que evidencia a necessidade de revisões morais, logo, nas leis, para que os direitos na diversidade sejam preservados, bem como, desenvolver novas maneiras de educar para alteridade e o respeito, como já prevê no dever de amor para com outros seres humanos, o pensamento de Immanuel Kant.

A Igreja Católica, que é favorável ao laicismo, mas não àquele rançoso que não a permite expor sua perspectiva, deixou claro em sua Doutrina Social (2013, p.89), constituída não para equilibrar ou fazer ponte entre conservadores e progressistas, mas sim, para preservar a dignidade da pessoa humana, que:

Somente o reconhecimento da dignidade humana pode tornar possível o crescimento comum e pessoal de todos (cf. Tg 2, 1-9). Para favorecer um semelhante crescimento é necessário, em particular, apoiar os últimos, assegurar efetivamente condições de igual oportunidade entre homem e mulher, garantir uma objetiva igualdade entre as diversas classes sociais perante a lei.

Logo a proposta confirma que é perante a lei, o que naturalmente quer dizer perante a ética e a moral, o dever-ser, e que não caberia acusar de “moralistas”, antes de uma reflexão crítica e sincera, como se averigua em discussões nas redes sociais, onde uns atacam os outros com grande frequência, “tapando” os ouvidos e “vedando” os olhos ao diferente.

A própria Igreja Católica, avança gradativamente no diálogo ecumênico, inter-religioso e com o Estado laico de maneira geral, desde o famigerado Concílio Ecumênico

Vaticano II, ocorrido ente os anos de 1963 e 1965, abertura evidente nas palavras de seu idealizador, o papa, hoje proclamado santo, São João XXIII, em seu discurso inaugural, quanto ao que considerou sobre os erros modernos e sucessivas condenações da Igreja:

Sempre a Igreja se opôs aos erros; muitas vezes até os condenou com a maior severidade. Nos nossos dias, porém, a Esposa de Cristo prefere **usar mais o remédio da misericórdia** que o da severidade: julga satisfazer melhor às necessidades de hoje mostrando a validade da sua doutrina que condenando erros. (COMPÊNDIO, 1968, p. 08, grifo nosso).

Hans Küng, no livro intitulado *Uma Ética Mundial e Responsabilidades Globais: duas declarações*, no capítulo intitulado “Não tenha medo de princípios morais!” Porque devemos falar tanto de responsabilidades como de direitos (2001, p. 108), aponta que:

O pano de fundo contemporâneo para as questões levantadas nesses corpos internacionais e inter-religiosos é o fato de que a globalização da economia, da tecnologia e da mídia acarretou também uma globalização de seus problemas (dos mercados financeiros e de trabalho até a ecologia e o crime organizado). Para haver uma solução global para eles, é preciso uma globalização de princípios morais: não se trata de um sistema ético uniforme, mas de um mínimo necessário de valores éticos compartilhados, de posturas básicas e critérios com que todas as religiões, nações e grupos de interesse possam se compreender.

Para Heidegger “com o instrumento de trabalho são dados outros *Dasein*: o mundo do *Dasein* é um co-mundo (*Mitwelt*). Seu ser-em é uma existência-com (*Mitdasein*), e o *Dasein* é, por essência, ser-com-os-outros (CARVALHO, 1962, p.159), e para Dussel o assumir da alteridade presente na obra de Lévinas, nos leva a ouvir o outro e reconhecer sua existência, mesmo que hegemonicamente esteja configurado como não-ser, como Luís Carlos Dalla Rosa evidencia em seu artigo, que apresenta a necessidade da aplicação de tal conceito na educação, que é a base e princípio pelo qual a proposta deste projeto se aplica também (ROSA, 2011), pois pela educação podemos iniciar esta “revolução”.

A filosofia africana Ubuntu, segundo o site Por dentro da África (2014), “nutre o conceito de humanidade em sua essência”, pois nela “eu sou porque nós somos”, em uma perspectiva de compaixão, partilha, respeito e empatia.

A tribo indígena Tupi-Guarani, citada por Dussel (1993, p. 101), é apresentada por ele no sentido heideggeriano existencial, discorrendo sobre o núcleo de sua experiência cultural e religiosa enraizada no “ser-de-céu”, e misticamente como “núcleo inicial da

pessoa, como porção divina por participação” citando trecho direto do canto Ayvu Rapyta, conforme segue:

O verdadeiro Pai Ramandu, o Primeiro,
De uma parte de seu próprio ser-de-céu,
Da sabedoria contida em seu ser-de-céu
Com seu saber que vai se abrindo-como-flor,
Fez com que fossem geradas chamas e tênue neblina.
Tendo se incorporado e erguido como homem,
Da sabedoria de seu ser-de-céu,
Com seu saber que se abre –qual-flor
Conheceu para si mesmo a fundamental palavra futura...
E fez com que fizesse parte de seu próprio ser-de-céu...
Isso fez Namandu, o pai verdadeiro, o primeiro (DUSSEL, 1993, p. 101).

Voltaire disse que “o direito da intolerância é, pois, absurdo e bárbaro; é o direito dos tigres, e bem mais horrível, pois os tigres só atacam para comer, enquanto nós exterminamo-nos por parafusos” (VOLTAIRE, 2015, p. 49). E antes mesmo que se possa pensar que a religião não merece atenção especial, por se tratar de algo considerado fundamental para grande parcela de pessoas, a colocação de Francis Bacon (2015, p. 13, grifo nosso) parece pertinente, pois “quanto aos meios para obter unidade, os homens precisam se precaver; que, ao obter ou impor unidade religiosa, eles **não dissolvam e deformem as leis da caridade e da sociedade humana**”.

A pergunta de Michel Foucault (2015, p. 80), sobre a duplicidade da morte de Deus também se faz pertinente:

O empreendimento nietzschiano poderia ser entendido como um basta enfim dado à proliferação da interrogação sobre o homem. Com efeito, a morte de Deus não é manifestada em um gesto duplamente homicida que, pondo um termo ao absoluto, é ao mesmo tempo assassinio do próprio homem?

Russel na obra *O mundo que poderia ser* (GRATELOUP, p. 57, grifo nosso) disse que “uma vez satisfeitas as necessidades vitais, a felicidade profunda depende, para a maioria dos homens, de duas coisas: de seu trabalho e **de suas relações com os outros**”. E ainda August Comte, na obra *Sistema de Política Positiva* onde para ele:

O homem propriamente dito, considerado em sua realidade fundamental e não segundo os sonhos materialistas ou espiritualistas, **não pode ser compreendido sem o conhecimento preliminar da humanidade da qual ele necessariamente depende** (GRATELOUP, p. 69, grifo nosso).

Chamemos de democracia, unidade na diversidade, complementaridade, etc., o fato é, sempre foi e cada vez mais será, em perspectiva de ser, o necessário e evidente esforço de uma reflexão de conjunto para o bem da humanidade, e para uma perspectiva positiva de um futuro melhor, embora, como Karl Jaspers (1986, p. 147) discorre a respeito, o futuro depende de nós e temos que encarar as possibilidades, seja para transformar ou para encarar a possibilidade de catástrofe.

O indivíduo merece que suas características e escolhas pessoais sejam respeitadas, e também deveria como dever ou consequência que seja respeitar aquele que discorrer de maneira adversa a sua, colocando-se em seu lugar na medida do possível, pois o ambiente em que cada um se desenvolveu e outros fatores intimamente imbricados determinam muitas vezes seu caráter e particularidades gerais.

Elsa Soffiatti (2012), em sua tese de mestrado, merecidamente publicada, atravessou resumidamente os papados do século XIX até a metade do século XX, aprofundando a perspectiva de Pio XII, predecessor do idealizador do Concílio Ecumênico Vaticano II, João XXIII, e que presenciou a II Guerra Mundial enquanto papa, chegando a ser a única autoridade em Roma em determinado momento. Ao apontar a democracia como o provável caminho possível para pôr fim às desavenças ideológicas, o primeiro passo deveria ser o respeito opinativo, pois:

Um cidadão e um Estado, para estarem aptos a viver em um regime democrático, deveriam, em primeiro lugar, respeitar a opinião própria dos indivíduos, os quais não seriam obrigados a obedecer ou mesmo não seriam julgados sem terem sido ouvidos antes (SOFFIATTI, 2012, p. 159).

Logo, o respeito, a alteridade e o ser-com-os-outros, requer uma atitude mais humana, e vinculando a liberdade com a verdade e a lei natural, assim como discorre a já mencionada Doutrina Social da Igreja:

No exercício da liberdade, o homem leva a termo atos moralmente bons, construtivos da pessoa e da sociedade, quando obedece à verdade, ou seja, quando não pretende ser criador e senhor absoluto desta última e das normas éticas. A liberdade, com efeito, “não tem seu ponto de partida absoluto e incondicionado em si própria, mas na existência em que se encontra e que representa para ela, simultaneamente, um limite e uma possibilidade. É a liberdade de uma criatura, ou seja, uma liberdade dada, que deve ser acolhida como um germe e fazer-se amadurecer com responsabilidade”. Caso contrário, morre como liberdade, destrói o homem e a sociedade (DSI, 2013, p. 86).

O atual bispo de Roma, o Papa Francisco, ao escrever sobre os cuidados com o planeta que habitamos, nomeado por ele simplesmente como casa comum, em sua Carta Encíclica *Laudato si*, discorre largamente sobre a necessária reflexão de conjunto em sentido lato, e pelo peso de suas condutas, que são exemplo de alteridade e de ser-com-os-outros, não poderia passar despercebido sem ao menos uma breve citação, pois para ele,

É necessário voltar a sentir que precisamos uns dos outros, que temos uma responsabilidade para com os outros e o mundo, que vale a pena ser bons e honestos. Vivemos já muito tempo na degradação moral, baldando-nos à ética, à bondade, à fé, à honestidade; chegou o momento de reconhecer que esta alegre superficialidade de pouco nos serviu. Uma tal destruição de todo o fundamento da vida social acaba por colocar-nos uns contra os outros na defesa dos próprios interesses, provoca o despertar de novas formas de violência e crueldade e impede o desenvolvimento duma verdadeira cultura do cuidado do meio ambiente (PAPA FRANCISCO, 2015, p. 131).

Interessante também, embora não caiba excessivo aprofundamento, é o fato que o próprio Deus que se revelou, segundo a matriz judaico-cristã, se autodenominou como **Eu Sou**, na manifestação ou teofania diante do personagem Moisés, encontrado no livro do Êxodo, nome este, que em seu sentido etimológico significa ser, existência, e existindo relaciona-se com os homens e caminha com eles. É **Um Ser relacional**.

E como discorreu Martin Heidegger e como o faz Henrique Dussel? É o que veremos deste ponto em diante. O primeiro, contemporâneo ao regime nazista, tornou-se reitor da Universidade de Friburgo, além de suceder a Edmund Husserl na cátedra de filosofia, que fora afastado por conta de sua origem judaica, embora ele próprio mais tarde tenha deixado a Universidade também por não se compatibilizar com Hitler. O segundo, mesmo sendo filho de um médico e com condições financeiras relativamente boas, cresce no cenário latino-americano e vivencia as ditaduras que favoreceram movimentos reacionários em sentido Lato. Poderiam seus pensamentos convergir ou se complementarem?

O SER-COM-OS-OUTROS E A ALTERIDADE NO OLHAR DA COMPLEMENTARIDADE

Caberiam inúmeras proposições sobre a temática, por sua riqueza reflexiva vinculada à ontologia, metafísica, correntes existencialistas, dentre tantas outras, mas

aplicou-se ao pensamento de Enrique Dussel e Martin Heidegger a presente seção, revisando obras de suas autorias e trabalhos que outrora refletiram seus conceitos.

A história comprova que não foram poucas as vezes que uma cultura quis sobrepor a outra, como o próprio Enrique Dussel diz ao referir-se à filosofia moderna, exemplificando o preconceito e o “ar de superioridade” do chamado “centro do mundo” ou em palavras mais claras, o chamado “eurocentrismo” que de certa forma ainda impera e subsiste no tempo, pois:

[...] a filosofia moderna europeia aparecerá a seus próprios olhos e aos olhos das comunidades intelectuais de um mundo colonial em extrema prostração e paralisado filosoficamente, como a filosofia universal. (DUSSEL, 2016, p. 188).

Dussel é um duro crítico ao preconceito encontrado em muitos filósofos europeus modernos com relação às suas constantes postulações de superioridade. Em especial atenção é duro nas críticas a Hegel. Em sua obra intitulada 1492 – O encobrimento do outro (1993), ele não poupa esforços em suas colocações para tornar clara a “absurda” posição dos pensadores de determinadas épocas, porém, não podemos esquecer as particularidades e realidades peculiares de cada século, seu contexto e o olhar do intérprete, entendido assim, na pesquisa desenvolvida, que, muitas vezes os preconceitos partem dos olhos de quem vê, pois no caso latino americano, o contexto em que tanto a filosofia quanto a teologia da libertação surgiram, o cenário político, social e econômico eram realmente complexos, o que não exclui que de fato, em certos escritos de autores europeus, são considerados preconceituosos e ofensivos excessivamente em determinados períodos históricos.

A própria alteridade proposta por Dussel, poderia no caso, ser aplicada, fazendo uso de outros recursos como a hermenêutica contemporânea, ou o método histórico-crítico, por exemplo, e assim a visão do homem de outrora se tornaria mais clara, assim como sua concepção de homem e conceitos, e em pleno acordo com seu devido contexto. Na realidade contemporânea, em um mundo quase que totalmente globalizado, são inadmissíveis determinadas colocações, ou atitudes pautadas no preconceito e intransigência, mesmo que longe dos holofotes da grande mídia, seja real o campo de disputas e lutas, em especial nas redes sociais.

Hegel, citado por Dussel, chega a dizer que os africanos não possuem sequer história, o que de forma alguma caberia dizer depois dos avanços em pesquisas antropológicas, arqueológicas, etc.:

Não é uma parte do mundo histórico; não representa um movimento nem um desenvolvimento histórico...O que entendemos propriamente por África é algo isolado e sem história, sumido ainda por completo no espírito natural, e que só pode ser mencionado aqui, no umbral da história universal (HEGEL apud DUSSEL, 1993, p. 20).

Para o filósofo Emmanuel Lévinas a ética, ultrapassando a ontologia, seria a filosofia primeira, e o seu sentido está enraizado nas relações humanas, ou melhor, no face-a-face e na responsabilidade para com o outro, não em sentido de unir, mas de relacionar-se propriamente, ele diz que “na relação interpessoal, não se trata de pensar conjuntamente o Eu e o Outro, mas de estar diante. A verdadeira união ou junção não é uma função de síntese, mas uma junção de frente a frente” (LEVINAS, 2000, p.69). Valorizar o outro, reconhecer sua existência e respeitar sua subjetividade, o que não aconteceu na descoberta do “Novo Mundo” segundo Dussel. No dicionário de Filosofia de Nicola Abbagnanno (2007), a alteridade é:

Ser outro, colocar-se ou constituir-se como outro. A alteridade é um conceito mais restrito do que diversidade e mais extenso do que diferença. A diversidade pode ser também puramente numérica, não assim a alteridade. (cf. ARISTÓTELES, *Met.*, IV, 9,1.018 a 12). Por outro lado, a diferença implica sempre a determinação da diversidade (v. DIFERENÇA), enquanto a alteridade não a implica (ABBAGNANO, 2007, p.34).

A alteridade em Dussel vincula-se ao cenário latino americano, no período em que as ditaduras imperavam, e para ele esse “Outro”, que Lévinas dizia ser exterior irrepreensível e infinito, seria esse continente, que em sua tradição e peculiaridades veladas desde a colonização, em nada se assemelha à racionalidade e padrões europeus. A violenta exploração do continente, ora ocultando, ora menosprezando as particularidades das culturas, muitas delas dizimadas, estaria intrinsecamente imbricada em uma crença na racionalidade como razão universal, o que também é compreensível, se analisado em conjunto com as correntes filosóficas contidas no pensamento próprio da época. E no florescer do viés “libertador”, o pano de fundo nada mais é que, os Direitos Humanos na perspectiva histórica vigente.

A práxis também é muito peculiar no entendimento de Dussel, e na obra intitulada *Ética Comunitária Liberta o Pobre!* Ele discorre que:

As relações comunitárias de justiça, as relações éticas reais (infra estruturais enquanto relação de produtores, carnis) são a essência e o fundamento da ética, o ponto de partida real da crítica ético-profética. A crítica como tal pode situar-se num nível ideológico, mas origina-se num nível prático infra estrutural: as próprias relações comunitárias (DUSSEL, 1986, p. 95).

Seu levantamento pauta-se na utópica comunidade de Jerusalém, nos tempos mais remotos do cristianismo, onde segundo seu entendimento, os pobres eram felizes e satisfeitos, por serem tratados como pessoas. Abrangendo hoje seu entendimento, poderíamos concluir que a apropriação do conceito de alteridade de Emmanuel Lévinas por Enrique Dussel, no reconhecimento deste “Outro”, em qualquer tempo ou cultura, possui afluentes de conexão no Ser-com-os-outros para uma existência autêntica pautada no relacionar-se mutuamente, em complementaridade com as demais postulações do pensamento de Martin Heidegger, como veremos.

Em *Ser e Tempo* e em outros períodos de sua obra, Heidegger assume uma postura existencial, criticando a metafísica clássica, por compreender o Ser apenas com a objetividade, recorrendo a matriz fenomenológica e hermenêutica, onde o Ser se desvela na linguagem autêntica da poesia, mais do que no pensamento dos filósofos ou na atividade dos cientistas. O homem para ele é o Ser-aí (Dasein), está no mundo, e uma existência autêntica aponta para o nada, o Ser-para-morte. E o conceito de Coexistência, sintetizado também no dicionário de filosofia supracitado, ilustra claramente sua perspectiva no Ser-com:

No existencialismo contemporâneo, entende-se por esse termo o modo específico pelo qual o homem está com os outros homens no mundo: modo que é diferente daquele pelo qual ele se vê estar, no mundo, com as outras coisas. Esse significado específico do termo deve-se a Heidegger, que distinguiu a presença das coisas como meios ou instrumentos utilizáveis pela co-presença (*Mitdasein*) ou o ser-com dos outros com o Eu. A estreita conexão da coexistência com a existência faz que não possa haver compreensão de si sem a compreensão dos outros. "Na compreensão do ser, própria do ser-aí", diz Heidegger, "está implícita a compreensão dos outros, e isso porque o ser do ser-aí é coexistência" (ABBAGNANO, 2007, p. 148).

Estamos aí, mas os outros também, o que nos leva naturalmente ao entendimento da necessária convivência autêntica como seres relacionais, embora singulares, o que implica na alteridade, pois:

Na base desse ser-no-mundo determinado pelo com o mundo é sempre o mundo compartilhado com os outros. O mundo da presença é um mundo compartilhado. **O ser-em é ser-com os outros.** O ser-em-si intramundano destes outros é co-presença. (HEIDEGGER, 2005, p. 170, grifo nosso).

Para Heidegger “na maior parte das vezes e antes de tudo, *Dasein* se entende a partir de seu mundo, e a co-presença dos outros vem ao encontro nas mais diversas formas, a partir do que está à mão dentro do mundo” (HEIDEGGER, 2005, p. 171). Embora seja controversa a posição de Heidegger para pensadores que o estudam com maior atenção, muitos dos quais negam a presença da alteridade em Ser e Tempo, a pesquisa apontou o oposto, mesmos que tais conceitos imbricados ao *Dasein* sejam profundamente complexos despontando diversas outras possibilidades interpretativas. Optou-se aqui em complementar este ponto de sua reflexão, ao conceito de alteridade de Lévinas, apropriado por Dussel, para que a dignidade da pessoa humana permeie sempre em primeiro plano nas diferenças e relações contingentes. Encontram-se facilmente questionadores da corrente existencialista alegando sua superação, porém, fica a dúvida: - deixaria de ter sua parcela de importância, ou até mesmo deixaria de existir o questionamento do sentido de nossa vida ou existência, vinculada e inseparável à presença no mundo?

Viktor Frankl, psiquiatra, criador da Logoterapia, advogado de causa, pois viveu os horrores dos campos de concentração nazistas, perdendo lá muitos entes queridos, e onde também encontrou sua tese central de sentido para a vida na psicologia humana, debruçou-se sobre as neuroses humanas e suas causas, assim como seu predecessor Freud, e atribuiu a muitas delas a incapacidade dos indivíduos de encontrar significado, sentido e responsabilidade em suas existências.

Torna-se assim evidente que, a loucura desenfreada a qual nos deparamos, da substituição do Ser pelo Ter, do fanatismo religioso ou político ideológico, e de tantos outros problemas éticos, estão conectados ao que Frankl chama de sede de sentido, ou sede de compreensão existencial, que compreende o subjetivo de cada um, na alteridade e no ser relacional. O valor de cada um constitui a dignidade humana como Frankl evidencia, pois para ele:

Em vista da possibilidade de encontrar sentido no sofrimento, o significado da vida passa a ser algo incondicional - ao menos potencialmente. Este sentido incondicional, no entanto, encontra paralelo no valor incondicional que cada

pessoa, sem exceção, possui. E é isto que garante o fato indelével da dignidade humana. Assim como a vida permanece potencialmente significativa sob quaisquer circunstâncias, mesmo as mais miseráveis, também o valor de cada pessoa, sem exceção, a acompanha, e o faz porque está baseado nos valores que a pessoa já realizou no passado. Não está subordinado à utilidade que a pessoa possa ter ou não no presente (FRANKL, 2015, p. 97).

E ainda, a existência possui três modos, “referindo-se à existência em si mesma, isto é, ao modo especificamente humano de ser; ao sentido da existência; à busca por um sentido concreto na existência pessoal, ou seja, à vontade de sentido” (idem, p. 70). Constatou-se também que as frustrações existenciais podem resultar em neuroses. As pesquisas e seus respectivos resultados positivos levaram Frankl a receber diversos títulos de *Doctor Honoris Causa* e não caberia aqui sua profunda e rica contribuição existencialista, e que não poderia deixar de ser ao menos esboçada no presente trabalho.

O repensar do processo educacional, onde a alteridade e a necessária relação a partir da dialética professor-aluno, aluno-aluno e aluno-comunidade é a conclusão possível para uma efetiva mudança do quadro complexo que se apresenta a humanidade em si. Porém Dussel alerta que “a pedagógica se desenvolve essencialmente na bipolaridade palavra-ouvido, interpretação-escuta, acolhimento da Alteridade para servir o Outro como Outro” (DUSSEL, 1977, p. 191), objetivo que só pode ser alcançado com relações mais éticas, pautadas no diálogo, no respeito, e, no primado da dignidade da pessoa humana.

METODOLOGIA

Este artigo é um estudo que tem por metodologia uma pesquisa teórica de natureza bibliográfica acerca da temática: O ser-com-os-outros e o conceito de alteridade: uma reflexão de complementaridade. A pesquisa foi realizada por meio da leitura sistemática de obras e artigos e, posteriormente, a produção de fichamentos, os quais se constituem como pontos cruciais que contribuem com a abordagem da pesquisa.

A pesquisa bibliográfica é de suma importância. Segundo Gil (1991 p. 21), a pesquisa bibliográfica, “é muito importante quando elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros e artigos de periódicos e com o material disponível na Internet”. A mesma propicia uma nova reflexão e uma vasta possibilidade de argumentos a respeito do tema que se propõe a pesquisar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os conceitos de ser-com-os-outros (europeu) e de alteridade (latinizado) complementam-se mutuamente, e pouco ou nada importa a origem de um conceito filosófico, em qual cultura, continente ou país foi idealizado, porém, suas peculiaridades históricas e contextos devem ser respeitados, para que não ocorram excessivos equívocos, mesmo que imperceptivelmente aconteça com certa frequência, isso, quando não são instrumentalizados para satisfazer determinados interesses. A crise humanitária, ética, política, econômica e seus desdobramentos que o mundo contemporâneo vem atravessando, certamente urge o revisitar destes diversos conceitos que apontam para relações mais éticas e satisfatórias de maneira geral.

Há um vazio existencial muito grande nas relações humanas, o que favorece novos extremismos, fundamentalismos, integristas, intransigências, xenofobias, etc. em movimentos políticos, religiosos, reacionários etc. Surgem a cada dia novos grupos que se aproveitam e que se favorecem da situação estabelecida, abusando de pessoas menos instruídas, estelionatos, corrupção exacerbada e generalizada, e tantos outros sintomas, de uma sociedade doente, e altíssimo preço pago pelo abandono de um ser autêntico, de uma alteridade responsável, do reconhecimento do caráter relacional, pois atitudes isoladas e mal articuladas por pequenos grupos de interesse, sistematicamente afeta a vida de milhares de pessoas. O subjetivo deve voltar a ser respeitado, o que leva ao entendimento natural de que jamais seremos iguais, pois a história, o contexto, ou melhor, o *a priori* e o *a posteriori* que cada um traz consigo, muitas vezes definem o rumo, as características e as escolhas de cada indivíduo.

E o núcleo central de toda a problemática discutida encontra-se no campo formativo-educativo, e, portanto, o existencial, o relacional, o ser-em-si, deve envolver sempre e cada vez mais, o discurso dos formadores-educadores, como prevê o Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, coordenado por Jacques Delors, que apresenta os seguintes pilares para a educação: - Aprender a conhecer, aprender a fazer, **aprender a viver juntos** e **aprender a ser**. Em palavras claras, um gradativo adquirir do instrumental necessário para compreensão, para agir no meio em que se está inserido, para cooperar com os outros nas relações humanas e ser

propriamente e subjetivamente, pilares estes que se interligam, e que na verdade são um, pois a sua complementaridade é mútua, una e indiscutível.

Chame de democracia, de alteridade, de ser-com-os-outros, de Ubuntu, de ética, imperativo categórico, moral ou amor, o que há de melhor, seja no progredir ou conservar, é no olhar da complementaridade, que deve ser orientado para um efetivo bem comum, e para que sempre seja preservada sempre em primeiro plano, a dignidade da pessoa humana.

REFERÊNCIAS

AGOSTINI, N.; MANZINI, R. **Moral Fundamental**. Batatais: Claretiano, 2014.

BACON, Francis. **Ensaio de Francis Bacon**. Tradução: Alan Niel Ditchfield. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2015.

BASTOS, J. **Filosofia da Religião**. Batatais: Claretiano, 2013.

CARLI, R. **Antropologia filosófica**. Curitiba: InterSaber, 2012.

CARVALHO, A. P. de. **A Filosofia Contemporânea Ocidental**. São Paulo: Editora Herder, 1962.

CONCÍLIO VATICANO II. **Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações**. Petrópolis: Editora Vozes, 1968.

DESCARTES, René. **Meditações Metafísicas**. Tradução: Maria Ermantina de A. P. Galvão. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2015.

DELORS, J. **Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI**. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0010/001095/109590por.pdf>> Acesso em: 01 ago. 2017

DOMÉZI, M. C. **História das Religiões**. Batatais: Claretiano, 2013.

DUSSEL, E. **1942 – O encobrimento do outro: A origem do mito da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. **Ética Comunitária**. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. **Para uma ética da libertação latino-americana III: erótica e pedagógica**. São Paulo: Loyola, 1977.

_____. **Paulo de Tarso na filosofia política atual e outros ensaios.** São Paulo: Paulus, 2016.

FOUCAULT, M. **Gênese e estrutura da antropologia de Kant; e, A ordem do discurso.** Tradução: Márcio A. da Fonseca; Salma T. Muchail e Laura F. de A. Sampaio. São Paulo. Folha de S. Paulo, 2015.

FRANKL, V. E. **Em busca de Sentido.** Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 1991.

GRATELOUP, L. L. **Dicionário filosófico de citações.** Tradução: Marina Appenzeller. São Paulo. Folha de S. Paulo, 2015.

HEIDEGGER, M. **Os Pensadores: Conferências e Escritos Filosóficos.** São Paulo: Nova Cultural, 1999.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo (Parte I).** Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

_____. **Ser e Tempo (Parte II).** Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

HEERDT, L. M. **Construindo Ética e Cidadania todos os dias.** Florianópolis: Editora Sophos, 2000.

JASPERS, K. **Introdução ao pensamento filosófico.** São Paulo: Contrix, 1986.

KANT, I. **Crítica da Razão Prática.** Tradução: Valério Rohden. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2015.

KANT, I. **A Metafísica dos Costumes.** Tradução: Edson Bini. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2010.

KÜNG, H.; SCHINDT, H. **Uma ética mundial e responsabilidades globais: Duas Declarações.** São Paulo: Edições Loyola, 2001.

LEVINAS, E. **Totalidade e Infinito.** Traduzido por José Pinto Ribeiro. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2000.

MARCONDES, D. **Textos Básicos de Ética de Platão a Foucault.** Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MARIETTI, A. K. **A Ética.** Tradução de Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papyrus, 1989.

NOVAES, A. (Org.). **Ética.** São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

NUNES, B. **A Filosofia Contemporânea: Trajetos Iniciais**. São Paulo: Editora Ática, 1991.

PAPA FRANCISCO. Carta Encíclica “**Laudato Si**” **Sobre o Cuidado da Casa Comum**.

Disponível em:

<http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html>. Acesso em: 02 ago. 2016.

PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. **Compêndio da Doutrina Social da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2011.

ROSA, L. C. D. **A alteridade e a relação pedagógica no pensamento de Enrique Dussel**.

Disponível em:

<<http://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Dialogo/article/view/186>> Acesso em: 04 ago. 2016.

RUSS, J. **Pensamento Ético Contemporâneo**. Tradução de Constança Marcondes Cesar. São Paulo: Paulus, 1999.

SIMÕES, M. C. **Os Caminhos da reflexão metafísica: fundamentação e crítica**. Curitiba: Intersaberes, 2015.

SITE. Por dentro da África. **Ubuntu: a filosofia africana que nutre o conceito de humanidade em sua essência**. Disponível em:

<<http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/ubuntu-filosofia-africana-que-nutre-o-conceito-de-humanidade-em-sua-essencia>> Acesso em: 29 jul. 2017.

SOFFIATTI, E. S. C. **Igreja Católica, Política e Pio XII: O Estado Democrático**. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

SOUZA, R. et al. (Orgs.). **Alteridade e Ética: Obra comemorativa dos 100 anos de nascimento de Emmanuel Lévinas**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2008.

VIGIL, J. M. **Teologia do Pluralismo Religioso: para uma releitura pluralista do cristianismo**. São Paulo: Paulus, 2006.

VOLTAIRE. **Tratado sobre a Tolerância**. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2015.